



Excesso de prazo na prisão preventiva afronta dignidade

Réu, especialmente o que está preso, tem o direito público de ser julgado dentro de um prazo razoável, sob pena de caracterizar situação de injusto constrangimento. Se o Poder Público não consegue julgar em tempo aceitável, então também não justifica manter esta pessoa presa, sem culpa formada, por violar a dignidade da pessoa humana.

O entendimento foi usado pelo ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal, para garantir a liberdade de uma acusada de formação de quadrilha e porte ilegal de arma. Katiane dos Santos está presa preventivamente desde junho de 2006. Um pedido de Habeas Corpus já foi negado pelo Superior Tribunal de Justiça que disse que a complexidade do processo justificava a demora do Estado em julgar a acusada.

“Trata-se de processo com quatro denunciados presos em comarcas distintas, cuja instrução está sendo realizada somente através de cartas precatórias, tanto para a oitiva dos acusados, quanto para a inquirição das testemunhas. Portanto, as peculiaridades da causa tornam razoável a demora na formação da culpa, de modo a afastar, por ora, o alegado constrangimento ilegal”, afirmou o STJ.

Celso de Mello considerou o contrário. Para ele, o excesso de prazo “traduz situação anômala que compromete a efetividade do processo, pois, além de tornar evidente o desprezo estatal pela liberdade do cidadão, frustra um direito básico que assiste a qualquer pessoa: o direito à resolução do litígio, sem dilações indevidas e com todas as garantias reconhecidas pelo ordenamento constitucional, inclusive a de não sofrer o arbítrio da coerção estatal representado pela privação cautelar da liberdade por tempo irrazoável ou superior àquele estabelecido em lei”.

Para o ministro, afronta a ética-jurídica o excesso de prazo da prisão processual, além da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, que prevê no artigo 7º: “toda pessoa detida ou retida deve ser conduzida, sem demora, à presença de um juiz ou outra autoridade autorizada pela lei a exercer funções judiciais e tem direito a ser julgada dentro de um prazo razoável ou a ser posta em liberdade”.

Ele ressaltou que “o réu — especialmente aquele que se acha sujeito a medidas cautelares de privação de sua liberdade — tem o direito público subjetivo de ser julgado, pelo Poder Público, dentro de um prazo razoável, sob pena de caracterizar-se situação de injusto constrangimento ao seu ‘*status libertatis*’”.

Foram citados como precedentes o julgamento do Habeas Corpus que garantiu a liberdade para um acusado que estava submetido à prisão cautelar há 4 anos, 1 mês e 4 dias, sem julgamento e outro que ficou quatro anos e 28 dias “abusivamente” preso preventivamente. “É preciso enfatizar, uma vez configurado excesso irrazoável na duração da prisão cautelar de qualquer acusado, que este não pode permanecer exposto a tal situação de evidente abusividade, sob pena de o instrumento processual da tutela cautelar penal transmutar-se, mediante subversão dos fins que o legitimam, em inaceitável (e inconstitucional) meio de antecipação executória da própria sanção penal”, concluiu o ministro.

Leia o voto



04/03/2008

SEGUNDA TURMA

HABEAS CORPUS 91.662-7 PARANÁ

RELATOR: MIN. CELSO DE MELLO

PACIENTE(S): KATIANE DOS SANTOS

IMPETRANTE(S): MATHEUS GABRIEL RODRIGUES DE ALMEIDA E OUTRO(A/S)

COATOR(A/S)(ES): SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA

E M E N T A: “*HABEAS CORPUS*” – PROCESSO PENAL – PRISÃO CAUTELAR – EXCESSO DE PRAZO – INADMISSIBILIDADE – OFENSA AO POSTULADO CONSTITUCIONAL DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA (CF, ART. 1º, III) – TRANSGRESSÃO À GARANTIA DO DEVIDO PROCESSO LEGAL (CF, ART. 5º, LIV) – PEDIDO DEFERIDO.

O EXCESSO DE PRAZO NÃO PODE SER TOLERADO, IMPONDO-SE, AO PODER JUDICIÁRIO, EM OBSÉQUIO AOS PRINCÍPIOS CONSAGRADOS NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA, O IMEDIATO RELAXAMENTO DA PRISÃO CAUTELAR DO INDICIADO OU DO RÉU.

– Nada pode justificar a permanência de uma pessoa na prisão, sem culpa formada, quando configurado excesso irrazoável no tempo de sua segregação cautelar (RTJ 137/287 – RTJ 157/633 – RTJ 180/262-264 – RTJ 187/933-934), considerada a excepcionalidade de que se reveste, em nosso sistema jurídico, a prisão meramente processual do indiciado ou do réu.

– O excesso de prazo, quando exclusivamente imputável ao aparelho judiciário – não derivando, portanto, de qualquer fato procrastinatório causalmente atribuível ao réu – traduz situação anômala que compromete a efetividade do processo, pois, além de tornar evidente o desprezo estatal pela liberdade do cidadão, frustra um direito básico que assiste a qualquer pessoa: o direito à resolução do litígio, sem dilações indevidas (CF, art. 5º, LXXVIII) e com todas as garantias reconhecidas pelo ordenamento constitucional, inclusive a de não sofrer o arbítrio da coerção estatal representado pela privação cautelar da liberdade por tempo irrazoável ou superior àquele estabelecido em lei.



– **A duração prolongada, abusiva e irrazoável** da prisão cautelar de alguém **ofende**, de modo frontal, **o postulado** da dignidade da pessoa humana, **que representa** – considerada a **centralidade** desse princípio essencial (CF, art. 1º, III) – **significativo** vetor interpretativo, **verdadeiro valor-fonte** que conforma e inspira **todo** o ordenamento constitucional **vigente** em nosso País **e que traduz**, de modo expressivo, **um dos fundamentos** em que se assenta, **entre nós**, a ordem republicana e democrática **consagrada** pelo sistema de direito constitucional positivo. **Constituição Federal** (Art. 5º, **incisos LIV e LXXVIII**). **EC 45/2004**. **Convenção Americana sobre Direitos Humanos** (Art. 7º, ns. 5 e 6). **Doutrina**. **Jurisprudência**.

– O indiciado e o réu, **quando configurado excesso irrazoável** na duração de sua prisão cautelar, **não podem** permanecer expostos a tal situação **de evidente** abusividade, **sob pena** de o instrumento processual da tutela cautelar penal transmutar-se, **mediante subversão** dos fins que o legitimam, **em inaceitável** (e inconstitucional) **meio de antecipação executória** da própria sanção penal. **Precedentes**.

A C Ó R D ã O

Vistos, relatados e discutidos estes autos, **acordam** os Ministros do Supremo Tribunal Federal, **em Segunda Turma**, na conformidade da ata de julgamentos e das notas taquigráficas, **por unanimidade** de votos, **em deferir** o pedido de “*habeas corpus*”, **nos termos** do voto do Relator.

Brasília, 04 de março de 2008.

CELSO DE MELLO – PRESIDENTE E RELATOR

R E L A T Ó R I O

O SENHOR MINISTRO CELSO DE MELLO – (Relator): Trata-se de “*habeas corpus*” impetrado contra decisão, que, **emanada** do E. Superior Tribunal de Justiça, **denegou** a ordem requerida **em sede** de processo idêntico (**HC 70.097/PR**, Rel. Min. FELIX FISCHER), **em acórdão** que restou consubstanciado na seguinte ementa (**Apenso**, fls. 259):

“PROCESSUAL PENAL. ‘HABEAS CORPUS’ SUBSTITUTIVO DE RECURSO ORDINÁRIO. ARTIGOS 288 DO CP E 14 DA LEI Nº 10.826/03. PRISÃO EM FLAGRANTE. EXCESSO DE PRAZO. COMPLEXIDADE DO FEITO. RAZOABILIDADE.

I – É cediço que o prazo para a conclusão da instrução criminal não tem as características de fatalidade e de improrrogabilidade, fazendo-se imprescindível raciocinar com o juízo de razoabilidade para definir o excesso de prazo, não se ponderando mera soma aritmética de tempo para os atos processuais.



II – Trata-se de processo com quatro denunciados presos em Comarcas distintas, cuja instrução está sendo realizada somente através de cartas precatórias, tanto para a oitiva dos acusados, quanto para a inquirição das testemunhas. Portanto, as peculiaridades da causa tornam razoável a demora na formação da culpa, de modo a afastar, por ora, o alegado constrangimento ilegal (Precedentes).

Ordem denegada.” (grifei)

A parte ora impetrante, **para justificar** a sua pretensão, **apoiou-se**, em síntese, **na alegação de excesso de prazo** na duração da custódia processual da ora paciente, que, **presa em flagrante** em 17/06/2006, **permaneceu** cautelarmente privada de sua liberdade **por mais** de 01 (um) ano e 07 (sete) meses, pela **suposta** prática dos delitos previstos no art. 288, parágrafo único, do Código Penal (quadrilha armada) e no art. 14 da Lei nº 10.826/2003 (Estatuto de Desarmamento).

Ao apreciar o pedido liminar **formulado** nesta sede processual, **indeferi-o** (fls. 35/36), **pois considerei**, então, **que seria aplicável**, à espécie, **o entendimento** firmado por esta Suprema Corte **no sentido** de que **a complexidade dos fatos**, de um lado, **e o número elevado de litisconsortes penais passivos**, de outro, **tornavam justificável** eventual retardamento **na conclusão** do procedimento penal, **desde que** a demora registrada **observasse** padrões **de estrita** razoabilidade (**RTJ** 93/1021 – **RTJ** 110/573 – **RTJ** 123/545 – **RTJ** 124/1087 – **RTJ** 128/652 – **RTJ** 128/681 – **RTJ** 129/746 – **RTJ** 135/554 – **RTJ** 136/604 – **RTJ** 178/276, v.g.).

Ocorre, no entanto, que, **decorridos** quase 07 (sete) meses **após o indeferimento** desse provimento cautelar, a parte impetrante **informou que ainda não havia sido concluído** o procedimento penal **instaurado** contra a ora paciente, **estando ela** “(...) *custodiada há mais de um ano e meio e que a instrução, por prognose, está longe de se findar, posto que ainda se busca a intimação de co-réus (...), para que constituam novo defensor para apresentação das Alegações Finais (...)*” (fls. 66).

Reconsiderei, então, a mencionada decisão **denegatória** da liminar e **deferir** o pedido de medida cautelar, **para assegurar**, à ora paciente, **o direito** de permanecer em liberdade **até** o julgamento final desta ação de “*habeas corpus*”.

O Ministério Público Federal, **em parecer** da lavra do ilustre Subprocurador-Geral da República, Dr. EDSON OLIVEIRA DE ALMEIDA, **manifestou-se pela denegação** da ordem (fls. 47/49).

É o relatório.

V O T O

O SENHOR MINISTRO CELSO DE MELLO – (Relator): Entendo assistir plena razão à parte ora impetrante, **eis que evidente** o excesso de prazo alegado.

Com efeito, **as informações** prestadas pelo impetrante **e o exame** dos elementos constantes destes autos **evidenciam, considerada** a seqüência cronológica dos dados **juridicamente** relevantes, **a ocorrência**,



na espécie, **de superação irrazoável** dos prazos legais.

É que, considerado o quadro registrado no caso em análise, a ora paciente **permaneceu**, na prisão, por período **superior** àquele que a lei permite, **dando ensejo** à situação **de injusto** constrangimento a que **alude** o ordenamento positivo (**CPP**, art. 648, II).

Com efeito, tal como **anteriormente** referido, a ora paciente **foi presa** em flagrante, em 17/06/2006, **pela suposta** prática dos crimes previstos no art. 288, parágrafo único, do CP e no art. 14 da Lei nº 10.826/2003, **sendo que**, até a **presente** data, **não foi julgada** pelo magistrado processante, **permanecendo** cautelarmente presa (certidão a fls. 67) **há mais** de 01 (um) ano e 07 (sete) meses.

É sempre importante lembrar, neste ponto, **que ninguém** pode permanecer preso, **especialmente** quando **sequer** proferida sentença penal condenatória, por lapso temporal **que exceda** ao que a legislação autoriza, **consoante adverte** a própria jurisprudência constitucional que o Supremo Tribunal Federal **firmou** na matéria ora em exame:

“O EXCESSO DE PRAZO, MESMO TRATANDO-SE DE DELITO HEDIONDO (OU A ESTE EQUIPARADO), NÃO PODE SER TOLERADO, IMPONDO-SE, AO PODER JUDICIÁRIO, EM OBSÉQUIO AOS PRINCÍPIOS CONSAGRADOS NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA, O IMEDIATO RELAXAMENTO DA PRISÃO CAUTELAR DO INDICIADO OU DO RÉU.

– ***Nada pode justificar*** a permanência de uma pessoa na prisão, ***sem culpa formada, quando configurado excesso irrazoável no tempo de sua segregação cautelar (RTJ 137/287 – RTJ 157/633 – RTJ 180/262-264 – RTJ 187/933-934), considerada a excepcionalidade de que se reveste, em nosso sistema jurídico, a prisão meramente processual do indiciado ou do réu, mesmo que se trate de crime hediondo ou de delito a este equiparado.***

– ***O excesso de prazo, quando exclusivamente imputável ao aparelho judiciário – não derivando, portanto, de qualquer fato procrastinatório causalmente atribuível ao réu – traduz situação anômala que compromete a efetividade do processo, pois, além de tornar evidente o desprezo estatal pela liberdade do cidadão, frustra um direito básico que assiste a qualquer pessoa: o direito à resolução do litígio, sem dilações indevidas (CF, art. 5º, LXXVIII) e com todas as garantias reconhecidas pelo ordenamento constitucional, inclusive a de não sofrer o arbítrio da coerção estatal representado pela privação cautelar da liberdade por tempo irrazoável ou superior àquele estabelecido em lei.***



– **A duração prolongada, abusiva e irrazoável da prisão cautelar de alguém ofende, de modo frontal, o postulado da dignidade da pessoa humana, que representa – considerada a centralidade desse princípio essencial (CF, art. 1º, III) – significativo vetor interpretativo, verdadeiro valor-fonte que conforma e inspira todo o ordenamento constitucional vigente em nosso País e que traduz, de modo expressivo, um dos fundamentos em que se assenta, entre nós, a ordem republicana e democrática consagrada pelo sistema de direito constitucional positivo. Constituição Federal (Art. 5º, incisos LIV e LXXVIII). EC 45/2004. Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Art. 7º, ns. 5 e 6). Doutrina. Jurisprudência.**

– **O indiciado e o réu, quando configurado excesso irrazoável na duração de sua prisão cautelar, não podem permanecer expostos a tal situação de evidente abusividade, ainda que se cuide de pessoas acusadas da suposta prática de crime hediondo (Súmula 697/STF), sob pena de o instrumento processual da tutela cautelar penal transmudar-se, mediante subversão dos fins que o legitimam, em inaceitável (e inconstitucional) meio de antecipação executória da própria sanção penal. Precedentes.**

(RTJ 195/212-213, Rel. Min. CELSO DE MELLO, Pleno)

O quadro exposto nos presentes autos registra que a ora paciente esteve cautelarmente presa há mais de 01 (um) ano e 07 (sete) meses, sem que, nesse período, tenha sido ela julgada.

O excesso verificado – posto que irrazoável – revela-se inaceitável (RTJ 187/933-934), ainda mais porque essa situação anômala não foi provocada pela ora paciente, mas, isso sim, pelo próprio aparelho de Estado, o que impõe, em consequência, o acolhimento deste pedido de “habeas corpus”.

Nada pode justificar a permanência de uma pessoa na prisão, sem culpa formada, quando configurado excesso irrazoável no tempo de segregação cautelar do acusado, considerada a excepcionalidade da prisão processual (RTJ 137/287 – RTJ 157/633 – RTJ 180/262-264, v.g.).

É que a prisão de qualquer pessoa, especialmente quando se tratar de medida de índole meramente processual, por revestir-se de caráter excepcional, não pode nem deve perdurar, sem justa razão, por período excessivo, sob pena de consagrar-se inaceitável prática abusiva de arbítrio estatal, em tudo incompatível com o modelo constitucional do Estado Democrático de Direito.

É preciso reconhecer, neste ponto, que a duração prolongada, abusiva e irrazoável da prisão cautelar de alguém, como sucede na espécie, ofende, de modo frontal, o postulado da dignidade da pessoa humana, que representa – considerada a centralidade desse princípio essencial (CF, art. 1º, III) – significativo vetor interpretativo, verdadeiro valor-fonte que conforma e inspira todo o ordenamento constitucional vigente em nosso País e que traduz, de modo expressivo, um dos fundamentos em que se assenta, entre nós, a ordem republicana e democrática consagrada pelo sistema de direito constitucional positivo.



Ou, em outras palavras, **cumprir enfatizar que o excesso de prazo** na duração irrazoável da prisão **meramente** processual do réu, de **qualquer réu, notadamente quando não submetido** a julgamento **por efeito** de obstáculo criado pelo próprio Estado, **revela-se conflitante** com esse paradigma ético-jurídico **conformador** da própria organização institucional do Estado brasileiro.

Cabe referir, ainda, por relevante, **que a Convenção Americana sobre Direitos Humanos** – tendo presente **o estado de tensão dialética** que existe **entre** a pretensão punitiva do Poder Público, de um lado, e a aspiração de liberdade **inerente** às pessoas, de outro – **prescreve**, em seu Art. 7º, n. 5, que “*Toda pessoa detida ou retida deve ser conduzida, sem demora, à presença de um juiz ou outra autoridade autorizada pela lei a exercer funções judiciais e tem direito a ser julgada dentro de um prazo razoável ou a ser posta em liberdade (...)*” (grifei).

Na realidade, **o Pacto de São José da Costa Rica** constitui instrumento normativo **destinado a desempenhar** um papel de extremo relevo **no âmbito do sistema interamericano de proteção aos direitos básicos da pessoa humana**, qualificando-se, sob tal perspectiva, como peça complementar e decisiva no processo de tutela das liberdades públicas fundamentais.

O réu – **especialmente** aquele que se acha sujeito a **medidas cautelares** de privação de sua liberdade – **tem o direito público subjetivo de ser julgado**, pelo Poder Público, **dentro de um prazo razoável**, sob pena de caracterizar-se situação de **injusto** constrangimento ao seu “*status libertatis*”, **como já o reconheceu** esta Suprema Corte **ao deferir o HC 84.254/PI**, Rel. Min. CELSO DE MELLO, **em julgamento** no qual a Colenda **Segunda Turma**, por votação unânime, **concedeu liberdade** ao paciente que se encontrava submetido à prisão cautelar **há 4 (quatro) anos, 1 (um) mês e 4 (quatro) dias, sem julgamento** perante órgão judiciário competente, **entendimento esse reiterado**, também pela Egrégia **Segunda Turma** do Tribunal, **quando da concessão do HC 83.773/SP**, Rel. Min. CELSO DE MELLO, **em face de excesso de prazo** da prisão cautelar do paciente, que se prolongava, **abusivamente**, naquele caso, **por 04 (quatro) anos e 28 (vinte e oito) dias**.

Como bem acentua JOSÉ ROGÉRIO CRUZ E TUCCI (“Tempo e Processo – Uma análise empírica das repercussões do tempo na fenomenologia processual – civil e penal”, p. 87/88, item n. 3.5, 1998, RT), “*o direito ao processo sem dilatações indevidas*” – além de qualificar-se como **prerrogativa** reconhecida por importantes Declarações de Direitos (**Convenção Americana** sobre Direitos Humanos, art. 7º, n. 5 e 6; **Convenção Européia** para Salvaguarda dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais, art. 5, n. 3, v.g.) – **representa** expressiva consequência de ordem jurídica **que decorre** da cláusula constitucional **que a todos assegura** a garantia do **devido processo legal**.

Isso significa, portanto, **que o excesso de prazo**, analisado na perspectiva dos **efeitos lesivos** que dele emanam – **notadamente** daqueles que afetam, de maneira grave, a posição jurídica de quem se acha **cautelarmente privado** de sua liberdade – **traduz**, na concreção de seu alcance, **situação configuradora de injusta** restrição à garantia constitucional do “*due process of law*”, **pois evidencia**, de um lado, **a incapacidade** de o Poder Público **cumprir** o seu dever **de conferir celeridade** aos procedimentos judiciais e **representa**, de outro, **ofensa inequívoca** ao “*status libertatis*” **de quem sofre** a persecução penal movida pelo Estado.



A **respeito** desse **específico** aspecto da controvérsia, **revela-se valiosa** a observação de LUIZ FLÁVIO GOMES (“O Sistema Interamericano de Proteção dos Direitos Humanos e o Direito Brasileiro”, p. 242/245, 2000, RT), **cujo magistério** – expandido a propósito da garantia que assiste, **a qualquer acusado**, de ser julgado em prazo razoável, **sem demora excessiva ou sem dilações indevidas** – **expõe** as seguintes considerações:

“Nossa Constituição Federal expressamente não prevê a garantia do encerramento do processo em prazo razoável, mas, como sabemos, contemplou não somente a previsão genérica do devido processo legal (CF, art. 5º, LIV), senão também a regra de que os direitos e garantias nela expressamente contemplados não excluem outros decorrentes dos tratados internacionais (art. 5º, § 2º).

.....

A *Convenção Americana sobre Direitos Humanos*, por seu turno, **ênfatisa** que ‘Toda pessoa tem direito a ser ouvida, com as devidas garantias e dentro de um prazo razoável...’ (art. 8.1). No que diz respeito ao preso: ‘Toda pessoa detida ou retida deve ser conduzida, sem demora, à presença de um juiz ou outra autoridade autorizada pela lei a exercer funções judiciais e tem direito a ser julgada dentro de um prazo razoável ou a ser posta em liberdade...’ (art. 7.5); ‘Toda pessoa privada da liberdade tem direito a recorrer a um juiz ou tribunal competente, a fim de que este decida, sem demora...’ (art. 7.6).

Em harmonia com esses textos internacionais, é bem verdade que o nosso Código de Processo Penal contém um conjunto de dispositivos (CPP, art. 799 a 801) que cuida da necessidade do **cumprimento dos prazos**, estabelecendo inclusive sanções em caso de violação. **Porém o que mais sobressai em conformidade com a valoração doutrinária é sua total e absoluta ‘inocuidade’**: os prazos não são, em geral, cumpridos e muito raramente aplica-se qualquer sanção.

.....

De um aspecto da garantia de ser julgado em prazo razoável, a jurisprudência brasileira, em geral, vem cuidando com certa atenção: trata-se do excesso de prazo no julgamento do réu preso. Há constrangimento ilegal (CPP, art. 648) quando alguém está preso por mais tempo do que determina a lei. Com base nesse preceito, o direito jurisprudencial criou a regra de que o julgamento do réu preso, em primeiro grau, tem que acontecer no prazo de 81 dias (que é a soma de todos os prazos processuais no procedimento ordinário; são outros os prazos nos procedimentos especiais). Havendo excesso, sem justificação, coloca-se o acusado em liberdade, sem prejuízo do prosseguimento do processo.” (grifei)



Extremamente oportuno referir, ainda, neste ponto, **o douto magistério** do eminente Professor ROGÉRIO LAURIA TUCCI (“**Direitos e Garantias Individuais no Processo Penal Brasileiro**”, p. 249/254, itens ns. 10.1 e 10.2, 2ª ed., 2004, RT), **que oferece** importante reflexão sobre o tema, **cujo significado** – por envolver o reconhecimento do direito a julgamento **sem** dilações indevidas – **traduz uma das múltiplas projeções** que emanam da garantia constitucional do devido processo legal:

“Outra ‘garantia’ que se encarta no ‘devido processo penal’ é a referente ao desenrolamento da ‘persecutio criminis’ em ‘prazo razoável’.

.....

Ora, nosso País é um dos signatários da ‘Convenção americana sobre direitos humanos’, assinada em San José, Costa Rica, no dia 22.11.1969, e cujo art. 8.º, 1, tem a seguinte (também ora repetida) redação: “Toda pessoa tem direito de ser ouvida” com as devidas garantias e ‘dentro de um prazo razoável’ por um juiz ou tribunal competente, independente e imparcial, estabelecido por lei anterior, ‘na defesa de qualquer acusação penal contra ela formulada’ (...).

Por via de consequência, dúvida não pode haver acerca da determinação (...) na Carta Magna brasileira em vigor, do término de qualquer procedimento, especialmente o relativo à persecução penal, em ‘prazo razoável’.

Essa, aliás, é concepção que se universalizou, sobretudo a partir da ‘Convenção Européia para salvaguarda dos direitos do homem e das liberdades fundamentais’, como anota JOSÉ ROGÉRIO CRUZ E TUCCI, asserindo que, desde a edição, em 04.11.1950, desse diploma legal supranacional, “o direito ao processo sem dilações indevidas” passou a ser concebido como um direito subjetivo constitucional, de caráter autônomo, de todos os membros da coletividade (incluídas as pessoas jurídicas) à ‘tutela jurisdicional dentro de um prazo razoável’, decorrente da proibição do ‘non liquet’, vale dizer, do dever que têm os agentes do Poder Judiciário de julgar as causas com estrita observância das normas de direito positivo’.

.....

Afigura-se, com efeito, de todo inaceitável a delonga na finalização do processo de conhecimento (especialmente o de caráter condenatório), com a ultrapassagem do tempo necessário à consecução de sua finalidade, qual seja a de definição da relação jurídica estabelecida entre o ser humano, membro da comunidade, enredado na ‘persecutio criminis’, e o Estado: o imputado tem, realmente, direito ao pronto solucionamento do conflito de interesses de alta relevância social que os respectivos autos retratam, pelo órgão jurisdicional competente.

.....

Realmente, tendo-se na devida conta as graves consequências psicológicas (no plano subjetivo), sociais (no objetivo), processuais, e até mesmo pecuniárias, resultantes da persecução penal para o indivíduo nela envolvido, imperiosa torna-se a agilização do respectivo procedimento, a fim de que elas, tanto quanto possível, se minimizem, pela sua conclusão num ‘prazo razoável’.



” (grifei)

Assinale-se, por relevante, **que esse entendimento encontra pleno apoio** na jurisprudência que o Supremo Tribunal Federal **firmou** na matéria em exame, **tanto** que se registrou, **nesta** Corte, em diversas decisões, **a concessão** de ordens de “*habeas corpus*”, em situações nas quais o excesso de prazo – **reconhecido** em tais julgamentos – **foi reputado abusivo** por este Tribunal (**RTJ 181/1064**, Rel. Min. ILMAR GALVÃO).

Refiro-me, particularmente, **aos casos nos quais a duração da privação cautelar** da liberdade do acusado **era semelhante ou**, até mesmo, **inferior** ao período de encarceramento processual **a que esteve submetida**, na espécie, a ora paciente: **01 (um) ano**, 05 (cinco) meses e 15 (quinze) dias (**HC 79.789/AM**, Rel. Min. ILMAR GALVÃO); **01 (um) ano** e 03 (três) meses (**HC 84.907/SP**, Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE); **01 (um) ano** e 05 (cinco) dias (**HC 84.181/RJ**, Rel. Min. MARCO AURÉLIO); **10 (dez) meses** e 21 (vinte e um) dias (**HC 83.867/PB**, Rel. Min. MARCO AURÉLIO); **04 (quatro) meses** e 10 (dez) dias (**RTJ 118/484**, Rel. Min. CARLOS MADEIRA).

Todos os aspectos ora ressaltados **põem em evidência** um fato **que assume** extremo relevo jurídico, **consistente** na circunstância **de que se registra**, na espécie, **evidente** excesso de prazo, **eis que** a prisão cautelar da ora paciente, **sem** causa legítima, **excedeu o período de 01 (um) ano e 07 (sete) meses** de duração, **sem** que, **até** o presente momento, e por razões **exclusivamente** imputáveis **ao Estado**, essa **mesma** paciente tenha sido julgada.

É preciso enfatizar, uma vez configurado **excesso irrazoável** na duração **da prisão cautelar** de qualquer acusado, **que este não pode permanecer** exposto a tal situação **de evidente** abusividade, **sob pena** de o instrumento processual da tutela cautelar penal transmutar-se, **mediante subversão dos fins** que o legitimam, **em inaceitável (e inconstitucional)** meio de antecipação executória da própria sanção penal.

Sendo assim, em face das razões expostas, **e considerando** os elementos produzidos **nestes autos**, **concedo a ordem** de “*habeas corpus*”, **para permitir** que a ora paciente permaneça solta, **se por al** não estiver presa, **eis que excessivo** o período de duração **da prisão cautelar** a que foi submetida **nos autos do Processo-crime** nº 065/06, **ora em tramitação** perante o Juízo da Vara Criminal, Execuções Penais e Tribunal do Júri do Foro Regional de Fazenda Rio Grande/PR (**comarca** da Região Metropolitana de Curitiba).

É o meu voto.

Date Created

30/03/2008